



Universidade do Minho
Escola de Engenharia

CONCERTO COMEMORATIVO DOS 50 ANOS DA ESCOLA DE ENGENHARIA

**CENTRO CULTURAL
VILA FLOR
GUIMARÃES**

**16 DE ABRIL DE 2025
22H00**



PROGRAMA

Duração aproximada: 1h35

Parte I

LUDWIG VAN BEETHOVEN

(1770-1827)

CONCERTO PARA PIANO E
ORQUESTRA N.º 5 EM MI
BEMOL MAIOR, OP. 73,
“IMPERADOR”

Allegro

Adagio un poco mosso

Rondo: Allegro

Intervalo

Parte II

ANTONÍN DVOŘÁK

(1841-1904)

SINFONIA N.º 9 EM MI MENOR,
OP. 95, “DO NOVO MUNDO”

Adagio – Allegro molto

Largo

Scherzo (Molto vivace)

Allegro con fuoco

ORQUESTRA DA UNIVERSIDADE DO MINHO

VÍTOR MATOS *DIREÇÃO MUSICAL*

ÂNGELO MARTINGO *PIANO*



LUDWIG VAN BEETHOVEN

CONCERTO PARA PIANO E ORQUESTRA N.º 5, EM MI BEMOL MAIOR, OP. 73, “IMPERADOR”

Figura maior da transição entre o Classicismo e o Romantismo, Ludwig van Beethoven (1770–1827) revolucionou a linguagem musical da sua época, expandindo os limites formais, expressivos e orquestrais do seu tempo. O seu Concerto para piano n.º 5, em Mi bemol maior, op. 73 – a última das suas contribuições para este género – foi composto entre 1809 e 1811, em Viena, num contexto marcado pela instabilidade política e militar das Guerras Napoleónicas. Durante o bombardeamento da cidade pelas tropas francesas em 1809, Beethoven viu-se forçado a refugiar-se num porão, tapando os ouvidos com almofadas para proteger a sua audição já fragilizada, enquanto escrevia as primeiras páginas deste concerto.

Embora o epíteto “Imperador” não tenha sido atribuído por Beethoven – reza a tradição que terá surgido pela mão de um editor inglês –, o título acabou por se tornar inseparável da obra, condizente com o seu carácter grandioso, afirmativo e quase heróico. A estreia teve lugar em Leipzig em 1811, com Friedrich Schneider como solista, dada a crescente surdez de Beethoven que o impedia de voltar a interpretar os seus próprios concertos em público.

Estruturalmente inovador, o Concerto “Imperador” rompe com a tradição desde os primeiros compassos: ao invés da habitual introdução orquestral, é o piano que inicia a obra, com uma sequência de cadências improvisatórias que logo estabelecem o carácter nobre e decidido do primeiro andamento (Allegro). Segue-se o Adagio un poco mosso, um movimento lírico e suspenso, cuja melodia serena, quase etérea, prepara subtilmente a entrada em fluxo contínuo no enérgico Rondo final (Allegro). Aqui, a vitalidade rítmica e o virtuosismo pianístico culminam numa celebração jubilosa do espírito humano.

Síntese perfeita entre vigor sinfónico e poesia introspetiva, o Concerto n.º 5 de Beethoven afirma-se como uma das mais altas realizações do repertório concertante e uma celebração intemporal do engenho criativo e da superação individual – qualidades que, também no domínio da engenharia, são catalisadoras de progresso e de visão. A escolha desta obra para o 50.º aniversário da Escola de Engenharia da Universidade do Minho sublinha, assim, o diálogo entre arte, ciência e inovação, celebrando o poder transformador do conhecimento e da criação.

Vitor Hugo Matos



ANTONÍN DVOŘÁK

SINFONIA N.º 9, EM MI MENOR, OPUS 95, “DO NOVO MUNDO”

Compositor da escola nacionalista checa-eslava com uma firmada reputação internacional e professor de composição no Conservatório de Praga, Antonín Dvořák (1841-1904) rumou no Outono de 1892 aos Estados Unidos da América para assumir a direcção do Conservatório de Nova Iorque, acedendo ao convite da fundadora Jeanette Thurber. Ali permaneceu por outros três anos, tendo produzido logo nos primeiros meses relevantes obras do seu catálogo, como a Nona Sinfonia, em mi menor, op. 95, “Do Novo Mundo”, e o seu décimo segundo Quarteto de Cordas, em Fá maior, op. 96, “Americano”.

Com efeito, de Dezembro ao seguinte mês de Maio compôs aquela que é hoje a mais célebre das suas sinfonias, tendo realizado ainda diversas revisões até à estreia da obra a 16 de Dezembro de 1893 no Carnegie Hall, pela Orquestra da Sociedade Filarmónica de Nova Iorque sob a batuta de Anton Seidl. Dvořák testemunhou a calorosa recepção do público nova-iorquino à sua Sinfonia “do Novo Mundo”, que no dia seguinte seria aclamada pela crítica do New York Evening Post como “a maior obra sinfónica jamais escrita [no] país”.

Na composição da sua Nona Sinfonia, Dvořák terá procurado corresponder às expectativas de uma elite artística local de criação de um genuíno idioma musical norte-americano – e que não era senão a mesma ambição de outras elites artísticas que visavam ver surgir no seu país uma autóctone corrente nacionalista. Como mais tarde precisou, Dvořák não tomou de empréstimo as melodias autóctones, mas antes extraiu os fundamentos genuínos da música nativa norte-americana das canções que escutara junto de seus alunos e de outras da cultura dos negros e índios americanos, tendo-os trabalhado com os elementos das práticas composicionais escolásticas europeias. São disso exemplo as escalas pentatónicas e os ritmos sincopados, contidos, com outros temas recorrentes, numa estrutura sonatística cíclica típica das obras da segunda metade do século XIX. Também o poema épico norte-americano *The Song of Hiawatha* de Henry Longfellow foi um lampejo para Dvořák: os episódios do funeral na floresta e da dança festiva dos índios narrados por Longfellow inspiraram-lhe, respectivamente, a composição do Largo e do Scherzo da Sinfonia.

O mais conhecido excerto da Sinfonia “Do Novo Mundo”, o solo de corne inglês daquele segundo andamento, inspirado pelos espirituais negros, foi em 1922 provido de letra por William Arms Fisher, um dos discípulos de Dvořák, popularizando-se como a canção *Goin’ Home*. O mesmo tema surge ainda com outra letra, como um espiritual negro, *Mockingbird*, interpretado pelo Golden Gate Quartet, numa cena do filme *A Song is Born* (1948) de Howard Hanks: no relato das várias raízes do jazz, Hanks quis também recordar e homenagear o notável contributo de Dvořák para o prévio surgimento do nacionalismo musical norte-americano.

Vitor Hugo Matos

ÂNGELO MARTINGO

PIANO

Ângelo Martingo, Doutor pela Universidade de Sheffield, é Professor Associado do Departamento de Música da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho, em que leciona, designadamente, para além do domínio da performance, Políticas de Gestão Cultural, Sociologia da Música, e Investigação em Estudos de Interpretação. O seu percurso no estudo do instrumento inicia-se com João Carrapa, tendo posteriormente realizado estudos superiores, designadamente, com Madalena Soveral, Marian Rybicki e Laura O’Gorman. Considera ainda relevante na sua formação o contacto Jean Fassina, bem como a realização de master classes com Aldo Ciccolini, Germaine Mounier, Günter Ludwig, Helena Sá e Costa ou Vitalij Margulis.

Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, do Ministério da Cultura, através do Gabinete de Relações Internacionais, e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Ciência e Tecnologia. Distinguido com o Prémio Jovens Músicos e o Prémio Silva Pereira em 1994, gravou para a RDP, a RTP e a Deutsh Welle, tendo desde então iniciado um percurso que se divide entre a performance – tendo-se apresentado a solo, em música de câmara, ou com orquestra, designadamente, em Portugal, Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Turquia –, o ensino e a investigação. É membro do Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM) e colaborador no Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade (CECS). As suas publicações, com enfoque na dimensão social e comunicativa da produção, interpretação e receção musical, incluem *Musica Humana* (Org., Húmus, 2020), *Razão, Expressão e Cognição nas Práticas Musicais: Composição, Interpretação, Receção* (Húmus, 2018).

VITOR HUGO MATOS

MAESTRO

Vítor Hugo Ferreira de Matos (n. 1977) estudou nos Conservatórios de Música de Braga e do Porto, nas classes dos professores José Matos e Moreira Jorge, com quem concluiu o curso de clarinete. Em 2001, obteve o diploma de Licenciatura na ESMAE. Entre 2001 e 2007, estudou com o clarinetista Alessandro Carbonare.

Tem realizado diversos recitais em Roma, a convite do Instituto Santo António dos Portugueses, interpretando várias obras em primeira audição, destacando-se o Concerto para Clarinete e Orquestra que o compositor Joaquim dos Santos lhe dedicou.

Como instrumentista, colaborou com a Orquestra do Norte, Sinfonietta do Porto, Orquestra de Câmara Musicare, Filarmonia das Beiras e Fundação Calouste Gulbenkian. Apresentou-se a solo e em música de câmara nos seguintes festivais internacionais de música: Encontros da Primavera (Guimarães), Póvoa de Varzim, Gaia, Cascais, Mateus, Toulouse e Música Viva. Estudou Direção de Orquestra com o maestro Cesário Costa. Neste campo, tem dirigido diversas orquestras, entre as quais: Orquestra do Norte, Orquestra Estúdio, Orquestra de Câmara do Minho, Orquestra Académica da Universidade do Minho, Orquestra do Conservatório e Teatro de Kaiserslautern e da Rádio Sul da Alemanha, bem como as Orquestras dos Conservatórios Superiores de Vigo e Katarina Gurska (Madrid), interpretando obras do período barroco ao contemporâneo.

Na área da ópera, dirigiu as produções nacionais de *O Pequeno Limpachinés*, *A Arca de Noé* de Benjamin Britten, e *Carmen* de Georges Bizet. No âmbito de Guimarães Capital Europeia da Cultura, dirigiu a ópera *L’Enfant et les Sortilèges* de Maurice Ravel. Teve o privilégio de dirigir solistas de prestígio como Patrizia Porgio, Peter Arnold, Ilya Grubert, Elisabete Matos, Dora Rodrigues, Luís Pipa, Pavel Gomziakov, Samuel Bastos, entre outros. Foi galardoado por diversas vezes na área da direção de orquestra, destacando-se os prémios obtidos em Barcelona e em Roma, nomeadamente os prémios Bacchetta d’Oro (melhor maestro) e Bacchetta d’Argento (melhor interpretação). Em 2007, dirigiu a Orquestra da Escola Sinfónica de Madrid, no âmbito dos Cursos de Especialização em Música Contemporânea e Direção de Orquestra, na Universidade de Alcalá de Henares (Madrid), sob a orientação dos maestros Arturo Tamayo e Jesús López Cobos. A sua experiência pedagógica inclui masterclasses em Guimarães (Cursos Internacionais), nas Escolas Profissionais de Música de Viana do Castelo, JOBRA e Madeira, bem como na Hochschule de Kaiserslautern e nos Conservatórios Superiores de Vigo e Madrid. Vários dos seus alunos têm sido premiados em concursos nacionais e internacionais.

Atualmente, Vítor Matos é membro da direção da Sociedade Musical de Guimarães, Professor Auxiliar do Departamento de Música da Escola de Artes e Humanidades da Universidade do Minho e maestro titular da Orquestra de Guimarães.

É Doutorando pela Universidade de Évora em Música – Musicologia/Interpretação e possui um Mestrado em Direção de Orquestra pela Escola Superior de Música Katarina Gurska (Madrid).

ORQUESTRA DA UNIVERSIDADE DO MINHO

A Orquestra da Universidade do Minho foi fundada em 2006, quando foi criada a Orquestra de Câmara do Minho. A orquestra iniciou a sua atividade no Grande Auditório do Parque de Exposições de Braga, num concerto dirigido por Vítor Matos, tendo como solista o pianista Luís Pipa. No 33º aniversário da Universidade do Minho em 2007, esta orquestra apresentou-se pela primeira vez no Salão Medieval da sob a direção de Pedro Carneiro, gravando alguns concertos para a Rádio e Televisão de Portugal.

Em 2011, passou a constituir-se como Orquestra Académica, passando a incluir o Coro do Curso de Licenciatura nos seus projetos. Prosseguindo a sua missão, teve intensa atividade, sendo diretores artísticos, Luís Pipa, Ângelo Martingo e Ricardo Barceló. Com a realização de concertos regulares nos últimos anos apresentou-se em concerto sob a direção dos maestros António Vitorino d’Almeida, Christopher Bochmann, Daniel Gazon, Ertug Korkmaz, Francesco Belli, François Benda, Hans Casteleyn, Julian Lombana, José Maria Moreno, Pedro Neves, Roberto Perez, e Vítor Matos. Por ocasião do 40º aniversário da Universidade do Minho, a OUM interpretou, sob direção do compositor, a Sinfonia UMinho, de António Vitorino de Almeida, expressamente escrita para a efeméride. Em 2020 tiveram lugar os Concertos Comemorativos do 46º Aniversário da Universidade do Minho que evocaram os 250 anos do nascimento de Ludwig van Beethoven.

Atualmente a Orquestra da Universidade do Minho tem como diretor artístico o diretor do Departamento de Música do ELACH, e integra na sua maioria alunos do Curso de Licenciatura em Música. Vítor Matos, Diretor do Departamento de Música, é o atual maestro da Orquestra.

Violinos I	João Inácio Rita Castro Diogo Prestes Luís Jardim João Rodrigues Ricardo Nogueira
Violinos II	Filipa Dias Francisca Ribeiro Carolina Sá Margarida Lopes
Violas	Carolina Palha Maria Teixeira Juvania Maria Rosário
Violoncelos	Catarina Coelho Maria Benedita Diogo Santos
Contrabaixos	Francisca Rocha Inês Mendes Sara Barbosa
Flauta I e II	Rodrigo Costa Mariana Vaz
Oboé I e II c/ Corne Ing.	Vera Teixeira José Ferraz
Clarinete I e II	Simão Yatsiv Oscar Simão
Fagote I e II	João Flores Vítor Vieira
Trompa I e II	Ricardo Costa Gabriel Sá
Trompa III e IV	Rui Brás Paulo Migueis
Trompete I e II	Guilherme Veiga Rodrigo Cunha
Trombone I, II e III	Maria Pimenta Henrique Tavares Tiago Silva
Tuba	Paulo Silva
Tímpanos	Simão Veiga
Triângulo e Pratos	Filipe Abreu



Universidade do Minho
Escola de Engenharia

50

1975-2025